

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN  
( Parte 3 – Conclusão)  
10 e 15 de Setembro de 2025

## **THE ELECTRIC HORSEMAN (1979)** *(O Cowboy Eléctrico)*

**Realização:** Sidney Pollack / **Argumento:** Robert Garland (tratamento: Paul Gaer e Robert Garland; história: Shelly Burton) / **Fotografia:** Owen Roizman / **Música:** Dave Grusin / **Direcção artística:** Stephen B. Grimes, J. Dennis Washington / **Decoração:** Mary Swanson / **Guarda-roupa:** Bernie Pollack / **Maquilhagem e cabelos:** Gary Liddiard, Bernadine M. Anderson, Marina Pedraza / **Casting:** Jennifer Shull / **Montagem:** Sheldon Kahn / **Montagem de som:** Gordon Davidson, Robert A. Reich, William A. Sawyer, Curt Schulkey, Ross Taylor / **Mistura de som:** Al Overton Jr., Les Fresholtz, Michael Minkler, Arthur Piantadosi / **Com:** Robert Redford, Jane Fonda, Valerie Perrine, Willie Nelson, John Saxon, Nicolas Coster, Allan Arbus, Wilford Brimley, Will Hare, Basil Hoffman, Timothy Scott, James Sikking.

**Produção:** Ray Stark, Ronald L. Schwary (para a Universal Pictures e Columbia Pictures) / **Cópia:** DCP, cores, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 120 minutos / **Estreia mundial:** 16 de Dezembro de 1979 (Nova Iorque, EUA) / **Estreia nacional:** 26 de Julho de 1980.

---

**THE ELECTRIC HORSEMAN** é o 5º filme em que Sidney Pollack conta com Robert Redford no elenco, uma colaboração entre realizador e actor que só parou à 7ª obra e que ficou na história, certamente, como uma das duplas mais recorrentes do cinema norte-americano. Se Pollack trabalhou em vários temas, nunca deixou de ver, em Redford, uma maneira de falar sobre aquele que foi, afinal, o seu mais recorrente: a América. E Redford, que tinha tudo para ser moldado, pela indústria, como um novo ídolo WASP (“White Anglo-Saxon Protestant”), também “usou” Pollack para se distanciar dessa etiqueta e ir ao encontro de um espírito “independente” de um novo cinema (o da Nova Hollywood), espírito esse que, no seu impulso empreendedor, tentaria replicar apenas dois anos depois da estreia deste filme com a fundação do Sundance Institute, um gesto que daria origem, pouco depois, à gestão e programação do Sundance Film Festival, hoje o maior evento cinematográfico, nos EUA, fora da indústria de Hollywood (ficando a medida e discussão dessa independência para outras páginas).

Pollack acabaria por ser visto, por uma parte da crítica, como um realizador algo “tradicional”, embora o rasgo existisse e não possa, de maneira nenhuma, ser ignorado. E se alguma prova desse rasgo existe aos nossos olhos, ele surge, sem dúvida alguma, neste **THE ELECTRIC HORSEMAN**, filme que, apesar do seu êxito comercial na data de estreia, foi visto como um objecto algo bizarro e incompreendido. O facto dessa aparente estranheza continuar até aos dias de hoje só joga a favor do filme, não só pela forma como toca nos conflitos de identidade que vivemos no presente, na América e no Ocidente, como pela singularidade de uma das maiores estrelas da indústria encarnar um papel “ridículo” e fazer transmitir, ainda assim, uma humanidade e liberdade, tanto na forma como na narrativa, quase apagada dos padrões actuais de Hollywood (e que nos leva a crer que um “remake” deste filme cairia facilmente numa caricatura).

Nesta 5ª colaboração, dizíamos, Redford regressou de uma ausência de quase 3 anos para encarnar a sua “fantasia” no ecrã: um homem cuja vida e liberdade pertence à intocada paisagem americana (a do estado do Utah, onde nasceu o festival Sundance), à sua “wildlife”, e à preservação das suas ideias nativas contra a cultura corporativa e de lucro máximo em que os EUA iriam cair em breve: por um lado, a América de Reagan da mentalidade financeira “yuppie” e, também, a da América “yankee” demasiado enfiada nos seus problemas para querer conhecer o outro lado do seu país (uma questão amplamente discutida, a nível social e político, depois da “surpresa” da eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016). Assim surgem, respectivamente, as figuras de Willie Nelson e Jane Fonda: a cultura “cowboy” e “outlaw country” de uma das suas maiores estrelas musicais, que permite a Redford conseguir encarar, com outra dimensão, a sua própria personagem (a improvisação de Nelson nos diálogos da sua personagem é memorável — *“I don't know about you, but I'm gonna get me a bottle of tequila, find me one of them keno girls that can suck the chrome off a trailer hitch and just kind of kick back”* —, assim como as várias músicas que escreveu para o filme e que dão asas à sua viagem), e a figura da jornalista nova-iorquina liberal (memorável personificação de Fonda, cuja história de amor com Redford, no ecrã, tinha começado com **Barefoot in the Park**, em 1967) que, na sua inocência, deseja fazer uma peça de investigação sobre uma figura que lhe parece altamente exótica (a de um cowboy eléctrico de uma estranha parte do país) e por quem, na verdade, acaba por se apaixonar numa incrível viagem por uma paisagem que desconhecia e onde vive, num breve mas inesquecível momento, uma história como talvez nunca tenha vivido na sua vida.

**THE ELECTRIC HORSEMAN** é, por isso, uma bela história de amor entre duas Américas: aquela que deseja ser livre, na sua paisagem, tal como o cavalo que Redford acaba por salvar dos tentáculos dos interesses económicos, e, por outro lado, aquela que vive na sua própria ilha e cujo cultivo intelectual,

mediático ou cultural acaba por desprezar, mesmo que involuntariamente, a tradição cultural de um país que aprendeu a rebaixar. Pelo meio, surge a América que vive entre as duas — a da classe urbana trabalhadora (ou mesmo pequena classe-média americana), um sinal de realismo na comovente figura de Valerie Perrine (aqui como ex-mulher de Redford e que já nos tinha trazido, em **Lenny** de Bob Fosse, uma bonita presença desse mundo), mas que o olhar de Pollack, tal como em relação a todas as personagens, nunca abandona ou deixa sozinhas. É por isso que o realizador não se contém no ar de “comédia romântica” (pois esta é a história de amor que deu nascimento a um país improvável), na bizzarria das suas caracterizações (traduzindo a aparência exuberante e espectacular de toda uma política), nem na amplitude dos seus planos, pois somos nós, espectadores, que também embarcamos numa viagem para onde dificilmente cairíamos, no nosso cepticismo, se a abordagem a esta história se ficasse apenas pela caricatura recorrente dos padrões actuais da mesma indústria. **THE ELECTRIC HORSEMAN**, por outro lado, e tal como os melhores filmes da sua década, é uma obra profundamente humana: consciente dos erros das suas personagens e da sua visão sobre o mundo, transparente na violência que cada um transporta dentro de si, mas também redentora (como só a América consegue ser) na segunda oportunidade de vida que os seus novos encontros podem oferecer, mesmo que estes sirvam para que as personagens desapareçam de uma vez por todas, sem deixar rasto, dos olhares do mundo (como Redford tantas vezes fez na sua carreira).

Ainda neste ponto, Redford acabaria mesmo por salvar *Rising Star* na vida real (e da rodagem deste filme), cuidando do cavalo até à sua morte e mantendo residência no lugar onde o filme termina (preservando, aí, a sua posição de actor algo recluso, misterioso, e ambientalista, quase como quem deseja desaparecer dos holofotes do mundo, à semelhança da sua personagem). A sua reputação ou “imagem de marca” ficaria mais associada, no entanto, à do “encantador de cavalos” do seu **The Horse Whisperer** (1998), filme que foi exibido vezes sem conta na nossa televisão privada. A aventura do seu “cowboy eléctrico”, no entanto, só cabe mesmo num enorme ecrã de cinema, lugar onde esta história romântica acaba por tocar tanto nos nossos corações como nos nossos conflitos sociais e políticos, e onde o interesse (e provocação) de Pollack pelos seus actores fá-los reproduzir algumas das interpretações mais memoráveis da sua carreira. Ficarà apenas uma questão por responder: se, no “final” de um novo período de guerra civil entre duas Américas, já no séc. XXI (e que se replica, na verdade, entre as classes dominantes de cada país europeu), iremos encontrar outra história de amor e de redenção tão singular, apaixonante e complexa, vinda de Hollywood ou de outra indústria, como neste fascinante e irrepetível filme.

Francisco Valente